

As vidas da Casa de Nagô

ADSON LUIS BARROS DE CARVALHO 

Universidade Federal do Maranhão | São Luís, MA, Brasil
adsoncarvalho99@gmail.com

MARTINA AHLERT 

Universidade Federal do Maranhão | São Luís, MA, Brasil
ahlertmartina@gmail.com

DOI 10.11606/ISSN.2316-9133.V32I2PE212133

A Casa de Nagô é um terreiro secular do Tambor de Mina no Maranhão, que se estima existir desde 1792. Está localizado na Madre Deus, bairro que compõe o Centro Histórico da capital, uma região ocupada por famílias negras desde o período colonial (Gato, 2019). Os pesquisadores que estudam religiões de matriz africana no estado concordam que a Casa foi fundamental na configuração de outros terreiros de Mina da capital maranhense, que em grande parte trabalham com entidades nagô e se estruturam de maneira semelhante (Ferreira, 1997; Cardoso Jr., 2001; Ferretti, 2009).

Desde sua abertura, a Casa de Nagô passou por transformações em aspectos diversos, mais e menos visíveis, como nas modalidades de relação entre pessoas e entidades, e na gestão do espaço. Parte da leitura sobre essas transformações chegou a sugerir que a atual inexistência de rituais com incorporação seria um índice do fechamento do terreiro. Neste *boca-a-boca*, as informações que ouvíamos anunciavam que “o aconteceu na Casa de Nagô, já aconteceu”, o que remetia ao passado o período de prosperidade do local, e parecia desacreditar do futuro como possibilidade de atualização e instauração de novas atividades.

A despeito disso, situações cotidianas e rituais que vivemos em campo parecem indicar outros caminhos para análise. As entidades, ainda que não tomem mais os corpos das *vodunsis* (como são chamadas as *dançantes*, as mulheres que incorporam), impactam a vida das pessoas por intermédio de outras manifestações – nem todas visíveis, no sentido mais estrito do termo – como os sonhos, os recados e avisos, e o sentimento de obrigação inculcado nos cuidados com o terreiro (Rabelo, 2014). Além disso, as ações na Casa são realizadas apenas por intermédio de consultas com as entidades, desde a pintura das paredes ao corte de alguma árvore. Todas essas formas de manifestação constituem o cotidiano e são parte da vida do local.

Atualmente, a Casa de Nagô é cuidada por humanos e não humanos. Duas mulheres e um homem estão na condição de *zeladores*, pois se responsabilizaram pelas atividades diárias de conservação do espaço e pela articulação de uma rede de amigos que, por diferentes razões (como herança familiar, história de vida etc.), estão vinculados ao terreiro. Eles têm



e212133

<https://doi.org/10.11606/ISSN.2316-9133.V32I2PE212133>

como tarefas a limpeza física e espiritual do imóvel, a arrecadação e preparação de alimentos, a manutenção de altares e assentamentos. A configuração das tarefas é percebida como temporária, visto que não se descarta, por exemplo, a possibilidade de as entidades escolherem novas *vodunsis*, que farão as noites da Casa outra vez animadas pelos tambores.

Parte do vínculo entre pessoas e entidades é visível ainda na existência de um calendário litúrgico marcado por obrigações em forma de festas, geralmente em celebração a algum santo católico. De maneiras variadas o Tambor de Mina é articulado ao Catolicismo Popular (Leal, 2021) e as entidades estão relacionadas aos santos e os festejam nos terreiros, como vemos nas festas dedicadas à Santa Bárbara, São Sebastião, São Pedro, Dom Luís e Cosme e Damião. Além disso, no calendário da Casa de Nagô existe ainda a Queimação de Palhinhas e a Festa do Divino Espírito Santo (Carvalho, 2021).

As fotos que compõem este ensaio foram feitas em 2023, durante a Queimação de Palhinhas. Essa festa é realizada no dia 02 de fevereiro e está relacionada com o desfazer do presépio. Além do vínculo com a celebração do Natal, a festa se articula com Iemanjá, orixá celebrada no mesmo dia. Na Casa, o bolo confeitado é oferecido aos presentes e é dedicado a ela. Suas cores, azul e branca, enfeitam o espaço. Uma das zeladoras nos disse que nesse dia não se vai à praia para fazer oferendas porque Iemanjá vem visitar o terreiro. Na mesma data, em 2010, o local viu suas *vodunsis* dançarem com suas entidades em seus corpos, ao som dos tambores, pela última vez, antes da suspensão da incorporação nos rituais.

A Queimação das Palhinhas iniciou em virtude de uma promessa de uma das *vodunsis*. Enquanto vivia, ela cumpria seu compromisso no espaço da Casa de Nagô. Depois do seu falecimento, a festa foi incorporada ao calendário litúrgico do local. Atualmente, a Queimação das Palhinhas começa com os músicos e outras pessoas entoando cânticos católicos em português e latim. Os *oradores* cantam com mais empenho, puxam o coro. De um lado ficam as madrinhas e, do outro, os padrinhos - pessoas homenageadas e responsáveis pelo financiamento da festa naquele ano.

Depois da ladainha, a imagem do menino Jesus é retirada do presépio e colocada sobre um lençol aberto e segurado pelas madrinhas e padrinhos. A imagem é embalada no ritmo da música. Os homenageados daquele ano então passam os cargos para os novos escolhidos, que serão os responsáveis pela festa no ano seguinte. Um pequeno fogareiro com brasas acesas é colocado em frente ao presépio e folhas de murta são distribuídas para todas as pessoas ali presentes. Pouco a pouco as pessoas vão queimando as palhinhas, forma como são denominadas as folhas, e fazendo pedidos para o ano.

As imagens que compõem o ensaio buscam registrar momentos da Queimação de Palhinhas. Apresentam as madrinhas e a casa vazia, previamente preparada para receber os visitantes; a presença de uma pessoa e a de muitas, quando a Casa se faz cheia de gente. Além disso, exibem a divisão de tarefas, indicando a importância da comensalidade, mas também da música. As fotos mostram a decoração e a estética do terreiro, os laços coloridos, as bandeiras de papel, o cuidado na composição dos altares e do presépio, a fumaça da queimação de palhinhas e o acender das velas para o menino Jesus.

No registro das coisas que as imagens não captam, mas indicam, podemos mencionar os esforços hercúleos para bem servir e receber; a mobilização de recursos; a limpeza dos cômodos; a compra das velas e a encomenda do bolo. Soma-se a isso a atuação

das entidades que se manifestam e causam efeitos que se refletem no cuidado com as obrigações, na conservação da Casa e no alimentar dos assentamentos. Todos esses elementos não foram ou não puderam ser registrados nas imagens. Alguns deles espraiam o tempo da festa em si – a antecedem em dias ou meses, fazendo parte de uma montagem delicada de aspectos que são materializados na Queimação das Palhinhas. Outros são impossíveis de serem registrados, pois fogem à lógica direta da captura da câmera, como as sensações corporais, a devoção, a presença não materializada das entidades, o calor ou o cheiro que emana da murta queimada.

Todos compõem, sugerimos, a vida da Casa de Nagô e as diversas existências que nela habitam ou transitam. Em torno dos debates sobre o possível fechamento do terreiro, existem aqueles que registram o veredito dos não humanos: a Casa existirá enquanto as entidades quiserem que ela exista. Enquanto isso, cabe às pessoas manterem com cuidado os rituais, como a Queimação das Palhinhas.



©CARVALHO,2023.

Imagem 1. O Barracão e o Presépio.



©CARVALHO, 2023.

Imagem 2. O Altar. Imagens de São Pedro; Pomba do Divino, imagens de São Sebastião (centro); Santa Bárbara.



©CARVALHO, 2023.

Imagem 3. Barracão cheio. Sons, cheiros, pedidos e devoção.



©CARVALHO, 2023.

Imagem 4. Detalhe do presépio.



©CARVALHO, 2023.

Imagem 5. Músicas para o menino Jesus.



©CARVALHO, 2023.

Imagem 6. Queimando palhinhas e fazendo pedidos.



©CARVALHO, 2023.

Imagem 7. Cumprindo com as obrigações e firmando compromissos.



©CARVALHO, 2023.

Imagem 8. As madrinhas. Madrinhas deste ano (esquerda, Wilmara Figueiredo e Paloma Sá – as crianças são filhos da última, Sereno Sá e Nilo Castro) e as madrinhas do próximo ano (direita, Ana Socorro e Mundicarmo Ferretti).

Referências Bibliográficas

- CARDOSO JÚNIOR, Sebastião. 2001. *Nagon Abioton: um estudo sobre a Casa de Nagô*. Monografia (Bacharelado) Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.
- CARVALHO, Adson. 2021. *Nagon Abioton: breves considerações sobre um terreiro de Tambor de Mina, a Casa de Nagô em São Luís do Maranhão*. Monografia (Bacharelado) Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.
- FERREIRA, Euclides. 1997. *Tambor de Mina em Conserva*. São Luís: Casa Fanti-Ashanti.
- FERRETTI, Mundicarmo. 2009. “Identidade e resistência em um terreiro de Mina de São Luís - MA: a Casa de Nagô.” In *Nagon Abioton: um estudo fotográfico e histórico sobre a Casa de Nagô*, 10-23. São Luís: Santa Marta.
- GATO, Matheus. 2018. “Espaço, cor e distinção social em São Luís (1850-1888)”. In *Negros nas cidades brasileiras (1890-1950)*, 219-274. São Paulo: Intermeios/FAPESP.
- LEAL, João. 2021. “Tambor de Mina e Divino Espírito Santo: articulações, diversidade, criatividade.” *Revista Pós Ciências Sociais*, 18, n.1: 155-174. <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v18n1p155-174>
- INGOLD, Tim. 2012. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais.” *Horizontes Antropológicos*, 18,n 37:25-44. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>
- RABELO, Miriam. 2014. *Enredos, feiturias e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé*. Salvador: EDUFBA.

Sobre os autores

Adson Luis Barros de Carvalho

Fotógrafo, Licenciado em Artes Visuais (IFMA), bacharel em Ciências Sociais (UFMA) e mestrando no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc-UFMA). Pesquisador do Laboratório de Estudos em Antropologia Política (LEAP – UFMA).

Martina Ahlert

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc)- Universidade Federal do Maranhão. Participa do Núcleo de Antropologia da Política (NUAP/UFRJ) e coordena o Laboratório de Estudos em Antropologia Política (UFMA/UEMA).

Autoria: Os autores são responsáveis pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão.

Recebido em: 17/05/23.

Aceito para publicação: 26/10/23.